

NA FRONTEIRA ENTRE O ENCANTAMENTO E O ESTRANHAMENTO: CAMINHOS TRILHADOS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO TÉCNICO

Dr. Eli Gomes Castanho  0000-0001-5460-8343
Instituto Federal de São Paulo

Dra. Fabrícia Carla Viviani  0000-0003-1626-6236
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO: Este texto é um relato de experiência que apresenta o percurso de professores de Português/Espanhol e de Sociologia, no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Ponta Porã, especificamente na fronteira do Brasil com o Paraguai. Para isso, são tecidas considerações a respeito da fronteira como espaço de encontro entre culturas e línguas, o que torna, muitas vezes, um espaço de tensão e disseminação de preconceitos. Logo, há a necessidade de uma educação do entorno para a interculturalidade, de modo que a escola seja um espaço para a problematização sobre as diferenças, o que, em complementariedade, fortaleceria também as causas daqueles que estão à margem. Em razão desse posicionamento, são relatadas experiências com atividades de ensino, pesquisa e extensão com vistas a romper com estigmas e ver na diversidade da fronteira uma possibilidade de reflexão e formação de sujeitos posicionados criticamente sobre o entorno que os cerca, priorizando um diálogo respeitoso e bem formado no tenso encontro com as diferenças. O percurso trilhado é também formador dos professores que, pelo deslocamento geográfico que fazem, veem a necessidade de reconhecer as vicissitudes do espaço fronteiriço onde atuam.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira; Ensino Médio integrado ao Técnico; Identidade.

AT THE BORDER BETWEEN ENCHANTMENT AND ESTRANGEMENT: PATHWAYS EXPLORED IN INTEGRATED HIGH SCHOOL AND TECHNICAL EDUCATION

ABSTRACT: This text is an experience report that presents the journey of Portuguese/Spanish and Sociology teachers at the Federal Institute of Mato Grosso do Sul, Ponta Porã campus, specifically on the border between Brazil and Paraguay. In doing so, considerations are made regarding the border as a space where cultures and languages meet, often becoming a place of tension and the dissemination of prejudices. Therefore, there is a need for education in interculturality in the surrounding area, so that the school becomes a space for addressing differences, which, in complementarity, would also strengthen the causes of those on the margins of society. Due to this stance, experiences with teaching, research, and extension activities aimed at breaking stigmas are reported, seeing the diversity of the border as an opportunity for reflection and the formation of individuals positioned critically about their surroundings, prioritizing respectful and well-informed dialogue in the tense encounter with differences. The path taken also contributes to the professional development of teachers who, due to their geographical displacement, recognize the vicissitudes of the border area in which they work.

KEYWORDS: Border; Integrated High School and Technical Education; Identity.



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é sobre encontros, sobre chegadas. Com a política educacional de expansão dos institutos federais pelo Brasil afora (Brasil, 2008), iniciada em 2008, o segmento da educação entendido como educação profissionalizante e tecnológica (EPT) passou a ocupar recônditos do país que, por muito tempo, estiveram alijados das políticas educacionais e, por conseguinte, linguísticas. Nessa diáspora da EPT, as zonas e faixas de fronteiras deste imenso país acabaram sendo contempladas, de modo a oferecer, entre outras modalidades de ensino, o ensino médio integrado ao técnico, gratuito, onde muito pouco ou quase nada havia.

Sobre esse deslocamento, que é geográfico, mas também ideológico-discursivo, é que este artigo se encarrega. Nós, os autores, vimo-nos no fluxo dessa política educacional, deixando o estado de São Paulo para ocupar; por meio dessas políticas públicas, o estado de Mato Grosso do Sul, especialmente a fronteira do Brasil com o Paraguai, onde passamos a atuar em 2011 como respectivos professores de Línguas Portuguesa e Espanhola e de Sociologia. Desse modo, o que aqui se lerá é parte desse deslocamento: professores forasteiros, num contexto novo para si, com vistas a buscar um entendimento da lógica cultural da fronteira a fim de intervir pelo fazer didático-pedagógico nesse espaço entre países, entre culturas.

Se como diz o poeta espanhol, Antonio Machado: “não há caminhos, o caminho se faz andando”, buscamos os nossos caminhos, numa verdadeira odisseia intercultural proporcionada pelo encontro entre os países, entre os professores, entre estudantes, entre línguas, entre culturas... Nesse entre-lugar (Bhabha, 2001) que é a fronteira. O objetivo deste texto é, portanto, relatar experiências de ensino, pesquisa e extensão, realizadas entre os anos de 2011 a 2018, por meio do diálogo entre as disciplinas ministradas pelos professores-autores, no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), campus Ponta Porã.



Inicialmente, tecemos algumas considerações sobre a fronteira em questão e discorremos sobre a educação do entorno para a interculturalidade, conforme pontua Maher (2007a). Na sequência, apresentamos um relato de experiências ligadas ao ensino, à pesquisa e à extensão.

2 FRONTEIRA, INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO DO ENTORNO

A fronteira em especial a que nos referimos tem sua especificidade por ser uma das dezenas de cidades brasileiras que se configuram como cidades-gêmeas ligadas por via terrestre, sem portos ou pontes que as conectam. Ao longo dos 15.719 quilômetros de fronteira, o Brasil divide territórios com dez países da América do Sul (Brasil, 2009, p.11). De acordo com Portaria 213/2016 do Ministério da Integração Nacional (Brasil, 2016), há nas suas margens 32 municípios irmanados com outros países, sendo que sete deles se encontram no estado de Mato Grosso do Sul. Esse estado do Centro-Oeste brasileiro é marcado por fazer fronteira não só com seis municípios paraguaios como também com um outro boliviano. É, pois, um estado com significativa faixa fronteiriça e com contato direto com outras culturas e línguas.

Esse encontro de países, para além de romantizar o convívio com as diferenças, traz em seu bojo tensões decorrentes entre a difícil tarefa de conviver com o outro, conforme também aponta Albuquerque (2010). Tal olhar sobre a fronteira dialoga com a crítica que Maher (2007a) faz da noção liberal do multiculturalismo marcado pelo conagraçamento das diferenças, sem, no entanto, problematizar sobre as decorrências dessa diversidade. Por essa razão, a autora prefere o termo interculturalidade por salientar possíveis tensões do encontro entre culturas, em contraposição a concepções mais acríticas em torno do multiculturalismo que veem a diversidade como ilhas justapostas.

Assim que chegamos à fronteira, a princípio, houve um certo encanto com o estranhamento proporcionado pelo novo, quer seja pelas línguas – português, espanhol e guarani – ali presentificadas, pelas moedas em circulação a cada “*guarani o real?*” ouvido, logo após cada *bip* dos caixas em supermercados... Tratava-se, portanto, de um cenário



multilíngue/muldialeto/multicultural, assim como o Oeste paranaense descrito por Pires-Santos (2005). No entanto, nem sempre é amistoso esse encontro com o outro. Ao longo da vivência, foi se descortinando uma fronteira marcada por preconceitos cristalizados na cultura, além de outras formas de violência que ganhavam matizes próprias daquela localidade.

Conforme apontado por Castanho (2016), a grande mídia contribui para um estigma da fronteira como lugar da violência, marcada pelas guerras entre facções do narcotráfico. De mesmo modo, a associação do Paraguai com produtos falsificados é sempre recorrente, como já verbalizado por participantes da referida pesquisa, estudante universitário paraguaio, ao ser perguntado sobre o preconceito sofrido: “Eu acho que::: no sentido do:::/pelo fato que falam que **tudo do paraguaio é pirataria**. Tudo paraguaio é **falso, é de má qualidade**. Mais nisso memo que eles são mais **discriminados**” (Castanho, 2016, p. 166, grifos do autor).

Em matéria na Folha de São Paulo, lê-se o título: “Paraguaia, maconha vendida em São Paulo vem com fungos e formigas¹”. A sintaxe do enunciado coloca de forma isolada o gentílico ‘paraguaia’, de modo a reforçar uma relação com a falsificação, com produtos de má qualidade. Somente pelo título da notícia pode-se depreender dois estereótipos comumente associados ao Paraguai: o tráfico de drogas e a qualidade duvidosa de seus produtos.

Tais estigmas faziam eco no cotidiano escolar do IFMS. Era comum ouvir entre alunos adolescentes imitações sobre o modo paraguaio de se falar português, além de recorrentes negações sobre um conhecimento do guarani: raros alunos diziam saber falar, embora tivessem família paraguaia. Ouvíamos frequentemente depoimentos de pessoas – servidores locais da instituição - cujos pais (paraguaios) interditavam a aprendizagem do guarani, já que fazia com seus filhos passassem a falar português com sotaque, o que era tido como feio. Situação semelhante a relatada por Frantz Fanon (2008) ao recorrer ao

¹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/11/1184158-paraguaia-maconha-vendida-em-sp-vem-com-fungos-e-formigas.shtml>. Acesso em 30 set.2023.



anonimato como forma de não ser notado, não ser "percebido" e, assim, salvar-se de agressões traumáticas e esperadas em cenários racistas. Em suas palavras,

Deslizo pelos cantos, captando com minhas longas antenas os axiomas espalhados pela superfície das coisas, – a roupa do preto cheira a preto – os dentes do preto são brancos – os pés do preto são grandes – o largo peito do preto, – deslizo pelos cantos, permaneço silencioso, aspiro ao anonimato, ao esquecimento. Vejam, aceito tudo, desde que passe despercebido! (Fanon, 2008, p.108).

A constatação desse estigma muito frequente nos sensibilizou a incluir essa temática da identidade fronteiriça em nossas práticas de ensino, pesquisa e extensão. Passamos a acreditar que, para minimizar práticas preconceituosas sobre os repertórios linguísticos e identidades da fronteira, seria preciso agir pontualmente a fim de oferecer uma educação sensível à fronteira, assim como também defende Ribeiro-Berger (2011), com vistas à construção de um diálogo intercultural, conforme defende Maher (2007b). O ponto de partida da proposta de Maher é a defesa do fortalecimento político ou a politização dos grupos sociais historicamente destituídos de poder. Quando da sua problematização, refere-se em especial às escolas indígenas para as quais não bastam políticas públicas (educacionais e linguísticas principalmente), se não houver uma formação do entorno (dos não-indígenas) para que se

(...) aprenda a respeitar e a conviver com diferentes manifestações linguísticas e culturais, mesmo que fortalecidos politicamente e amparados legalmente, estou convencida de que os grupos que estão à margem do *mainstream* não conseguirão exercer, de forma plena, sua cidadania (Maher, 2007b, p. 258).

Por esse viés, as escolas do entorno desse contexto intercultural, deveriam estar preparadas para o diálogo, levando-se em conta as minorias (ou outros grupos minorizados), não só indígenas, mas outras que se presentificam no contexto da escola: pessoas com deficiência, imigrantes, negros, LGBTQIA+... E, no caso da educação de fronteira, os do país vizinho, tantas vezes estigmatizados como já apontamos anteriormente.



O entorno dessa fronteira, o estado de Mato Grosso do Sul, segundo Viviani (2022) com base em dados estatísticos recentes, é listado como um dos mais violentos no que se refere à violências: (i) contra indígenas, “o último relatório “Violência contra os povos Indígenas no Brasil”, publicado pelo Conselho Indigenista Missionário do Brasil (CIMI), em 2020, mostra que o estado liderou, em 2019, o levantamento quanto à violência contra a pessoa, apresentando o maior número de indígenas assassinados” (Viviani, 2022, p. 7); (ii) contra mulheres: 5º lugar no *ranking* de estados mais violentos no quesito de gênero (Subsecretaria de Políticas Públicas para mulheres, 2020), na fronteira de Ponta Porã/Pedro Juan os dados são ainda mais alarmantes, em razão do livre acesso entre os países. “O horizonte de fuga, além de bastante conveniente aos agressores, acaba por criar um sentimento de impunidade generalizada” (Viviani, 2022, p. 6); (iii) contra a população LGBTQIA+: apesar de ser o estado menos populoso da região Centro-Oeste, conta com 45% do total de crimes da região, de acordo com o Mapa da Violência de Gênero no Brasil (2019). No mesmo ano, “o estado também teve a maior taxa do país de violência contra pessoas homo/bi: 91 casos a cada 100 mil habitantes, mais do que o dobro da taxa nacional, de 41 por 100 mil” (Viviani, 2022, p. 7).

Por fim, com vistas a proporcionar um olhar crítico para a fronteira, nossas ações didático-pedagógicas passaram a problematizar esse entorno, atravessado por um contexto de violência às identidades que transitam por essa fronteira. A seguir, passamos a expor algumas veredas desse caminho trilhado à beira do Brasil com o Paraguai.

3 FRONTEIRA COMO MOTE PARA AS PRÁTICAS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Somado ao deslocamento geográfico a que nos dispusemos, ser professor de EPT também nos impulsionou à constituição de uma nova identidade de professor. Desta feita, calcada no tripé do ensino, pesquisa e extensão. Nossa experiência anterior, como professores de educação básica em escolas públicas paulistas, não permitiam a vivência desse tripé. Com isso, nossa prática era exclusivamente do ensino.



No contexto da EPT, em que se busca o rompimento da dualidade entre o trabalho manual e intelectual (Frigotto, 2018; Ramos, 2017; Pacheco, 2015) a reflexão sobre o trabalho, a cultura, ciência e a tecnologia tornam-se dimensões indissociáveis e passam a ganhar centralidade nos processos de ensino-aprendizagem. Esse posicionamento da EPT convoca os professores e demais envolvidos à pesquisa e à extensão, algo até então, para nós, relegado na educação básica.

Aos poucos, conforme vivenciávamos a fronteira, a temática da diversidade local vinha ganhando espaço nas interações em sala de aula. Nas aulas de línguas portuguesa e espanhola, por exemplo, as contribuições da Sociolinguística permitiam subverter um olhar depreciativo sobre as variantes tanto do português como do espanhol, a ponto de considerar suas idiossincrasias como traços constitutivos e não como déficit ou como problema, mas sim, como um recurso (Ruiz, 1984). Exatamente esses traços é que chamavam a atenção e encantavam a nós, professores vindos de outro estado.

Por outro lado, ao vivenciar num contexto sociolinguisticamente complexo (Cavalcanti, 1999) como é a fronteira, histórias de preconceito linguístico também passam, aos poucos, a serem desveladas no cotidiano escolar. Havia alunas do ensino médio integrado ao técnico, moradoras do distrito paraguaio a pouco mais de um quilômetro do instituto, que contavam o seguinte: nas fases da educação infantil, chegavam a cochichar entre os irmãos para não usar o guarani, língua materna que lhes causava vergonha, possivelmente por conta da interdição e vigilância historicamente marcada na região de fronteira, como já problematizadas por Ribeiro-Berger (2015).

Em Sociologia, uma das questões centrais que reverberavam no espaço escolar envolvia os vários âmbitos da violência presente de Mato Grosso do Sul. Como já apontado acima, o estado se destaca entre os mais perigosos do país para as mulheres, a população LGBTQIA+ e os povos indígenas, além de exibir dados alarmantes relativos a crimes de injúria racial e racismo contra a população afrodescendente. Na região de fronteira Brasil/Paraguai, somam-se a essas violências anteriormente citadas, outras específicas ao contexto fronteiriço, mais vinculadas às disputas pelo tráfico de droga, armas e contrabando



e, por outro lado, as problemáticas ligadas à cultura, ao etnocentrismo, às identidades hegemônicas.

Logo, o ambiente escolar está atravessado pelas mais diversas experiências cotidianas que evidenciam o dilema da alteridade e da construção de sujeitos nesse território, convivendo numa linha imaginária que separa ambos os países sem, necessariamente, compreender a dimensão das particularidades culturais e seus conflitos inerentes. Paulatinamente, as atividades vinculadas à Sociologia caminharam no sentido da desconstrução de posicionamentos já dados, por muitas vezes estereotipados, em que se tornava cada vez mais evidente a “descoberta” dos vários sentidos de *ser* e *estar* na fronteira.

Como desdobramento do crescente envolvimento e inquietação com o entono, passaram a recorrerem que as/os estudantes relacionassem as temáticas sociológicas e linguísticas ao que poderia ser observado na localidade. Reflete o pensar situado, como sugerem Gago e Malo (2020), em que se opera um método de conexão entre as experiências cotidianas e os contextos estruturais, sendo possível ler seu próprio território na interface com sistemas de opressão e dominação mais amplos. Como veremos adiante, a violência contra a mulher e a ditadura militar se inserem nesse movimento.

Uma vez constatada certa proximidade entre esses saberes curriculares, em 2012, passamos a reunir no contraturno com alunos do ensino médio integrado em Agricultura e Informática. A atividade era de participação voluntária e, inicialmente, tenha objetivos bem propedêuticos com o intuito de preparar os estudantes para avaliações externas como o ENEM e vestibulares, especialmente no que ao ensino de redação. Em nossa crença, as aulas de Sociologia dariam repertório para a produção escrita, objeto das aulas de Língua Portuguesa. Essa atividade extracurricular recebeu o nome de Oficina de Textos & Ideias.

No ano seguinte, percebemos que esse caráter propedêutico precisaria ser repensado, uma vez que as alunas e alunos traziam temáticas do interesse e sentiam-se motivados à pesquisa e compartilhamento de seus resultados. Os encontros passaram a fazer parte da rotina escolar e passou a ser um espaço que “possibilitaram aos integrantes sua construção como sujeito a partir da compreensão das estruturas de dominação que



impactavam suas próprias vidas, além de permiti-los projetar novas formas de ser, com relação a si, ao outro e ao mundo (Viviani, 2022, p. 13).

Especialmente em 2014, participamos do 10º Concurso Construindo a Igualdade de Gênero, promovido pelo CNPq e então Secretaria de Políticas para as Mulheres. Era a segunda vez que participávamos, havíamos participado em 2012, no entanto, estávamos muito presos à lógica de preparação para o ENEM. O resultado culminou em textos com pouca margem de autoria, presos a estruturas de organização formatadas para tais exames. Decidimos preparar as/os adolescentes para que tivessem um posicionamento mais autoral diante dos textos. Para isso, elaboramos uma sequência de cerca de dez encontros em que discutíamos aspectos ligados ao gênero, em especial considerando o contexto de fronteira² e nomeamos essa sequência de atividades como “Construindo a igualdade de gênero na diversidade dos gêneros”. Para isso, relacionamos a temática aos dados do Mapa da Violência 2012 (Waiselfisz, 2012), que listava Ponta Porã como a 10º município brasileiro em número de violência contra a mulher, além de outros gêneros multimodais com vistas a promover a reflexão sobre o tema e a repertoriar os participantes na produção dos textos. Por conseguinte, acabamos premiados nacionalmente em duas categorias: melhor texto do ensino médio representando o MS e como escola promotora da igualdade de gênero.

Nos textos produzidos, a violência contra a mulher atravessado pelas nuances de fronteira foi uma constante, como no trecho que segue, do texto de uma participante intitulado “Mulher Mbareté”: “Não conseguia compreender o motivo de isso ter justificativa, e o pior: de continuar acontecendo todos os dias. Pois só há um aspecto mais incrível que ser uma mulher paraguaia: “ser una mujer!”. Cabe destaque, nesse trecho, a translinguagem³ (García, 2009) presente por meio de expressões em guarani (mbareté que

² Para maior detalhamento desse projeto, recomendamos a leitura de nosso texto “Nas tramas do nhanduti: construindo a igualdade de gênero num instituto federal de fronteira”, Castanho e Viviani (2022).

³ “O termo translinguagem tem aparecido de forma mais consistente na última década, apesar de ter sido cunhado nos anos 1990 e ter sido usado em diferentes áreas desde então. A origem da palavra é atribuída a Colin Baker (2001), que a utilizou para se referir à prática pedagógica de empregar as duas línguas do bilíngue



significa forte) e em espanhol, juntamente com o português. Chama atenção o modo como a mistura das línguas; essa translinguagem, é vista como um recurso estético, consideradas as contingências da fronteira. É, também, um modo de marcar a identidade fronteiriça, de modo a constituir que envolvem outras línguas do repertório local.

Com a premiação em dinheiro como escola promotora da igualdade de gênero, em 2015, foi viabilizada a oportunidade para que as alunas que participaram do projeto, no anterior, atuassem como multiplicadoras em três escolas de Ponta Porã. Na ocasião, contamos, também, com quinze bolsas da agência de fomento do estado, a FUNDECT-MS. Nesse sentido, a atividade de ensino passou a ter um caráter extensionista. Para essa intervenção, passamos a reelaborar as atividades vivenciadas, fazendo adequações ao público de Ensino Fundamental II. Na ocasião, para complementar a discussão que havia sido concluída, as alunas apresentaram parte de seu repertório de textos multimodais de modo a dialogar com a temática da identidade da mulher paraguaia e as opressões sofridas.

Ainda como parte das atividades extensionistas decorrentes da premiação, em 2016, organizamos em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o “Ciclo de Debates sobre Mulher”, proporcionando uma série de encontros mensais abertos às comunidades brasileira e paraguaia, em diferentes pontos da cidade, com o objetivo de discutir gênero e sua interrelação com outras questões, dentre elas, as especificidades do contexto fronteiriço.

Do ponto de vista da produção de pesquisa na EPT, ao menos quatro fatores têm contribuído para motivar o fazer da ciência nesse nível da educação básica: a oferta de bolsas de iniciação científica júnior, a formação de grupos em atividades extracurriculares como no caso da Oficina, a realização de feiras científicas e a obrigatoriedade de um trabalho de conclusão de curso.

na sala de aula de forma fluida e dinâmica. Através dessa prática, os alunos poderiam receber a instrução em uma de suas línguas e realizar a tarefa na outra, por exemplo. Desde então, esse conceito tem sido adotado por diversos pesquisadores para caracterizar as práticas linguísticas de indivíduos bilíngues e multilíngues. A popularização e a expansão do termo se deram em grande parte pelos estudos de Ofelia García que, em 2009, definiu translinguagem como as múltiplas práticas discursivas que os bilíngues usam para dar sentido aos seus mundos bilíngues” (Scholl, 2020).



A seguir são apresentados alguns trabalhos científicos que tematizaram o contexto fronteiriço no ensino médio, lançando luz e propondo uma reflexão sobre a diversidade local. Optamos por deixar em anonimato a autoria:

Quadro 1: Temas de trabalhos de conclusão de curso e iniciação científica cuja temática da fronteira foi incluída

Trabalho 1 (T1)	As expressões idiomáticas no filme <i>Siete Cajas</i> (2014)
Trabalho 2 (T2)	App Zygmundi: uma abordagem lúdica da variação e preconceito linguísticos no Brasil. (2015)
Trabalho 3 (T3)	Saberes das fontes: levantamento do conhecimento sobre plantas com potencial uso na agricultura na feira livre de Pedro Juan Caballero, Paraguai. (2016).
Trabalho 4 (T4)	Lunita: aplicativo auxiliar no processo letramento de crianças bilíngues. 2016
Trabalho 5 (T5)	Epifania Fronteiriça: possíveis diálogos entre as ditaduras militares brasileira e paraguaia (2016).

Fonte: Os autores, 2023.

O primeiro dos trabalhos T1 surgiu pela própria demanda de se fazer um trabalho de conclusão de curso. A aluna era falante de espanhol e guarani, tinha família no Paraguai e, na ocasião, aproveitamos essa vivência pessoal para desenvolver o trabalho. Nele, a autora pinçou expressões do filme paraguaio, mostrando os usos translinguísticos do espanhol com o guarani que, àquela altura nomeávamos como hibridismos:

Quadro 2: Hibridismos entre o Espanhol e o Guarani

Hibrismos	Tradução possível
Difunto kuera	Kuera significa mais de um, mais de um defunto.
Gordito'i	I, auxiliar do guarani, gordinho chato.
Entendiste pa	Entendeu tudo, em que pa significa tudo.
Paga porã	Pagar bem
Mbore que anda	Mbore = bobo, idiota
Chica'i	Namorada

Fonte: Trabalho 1 (T1) (2014) com base em expressões do filme *Siete Cajas*.

Embora o filme tenha sido rodado em Assunção, a oportunidade foi bastante proveitosa para refletir sobre os usos linguísticos que também ocorrem na fronteira em que convivíamos. Nesse sentido, deu significativa visibilidade à diferença, de modo a contribuir



para minimizar preconceitos que estigmatizavam a variante paraguaia, especialmente na comparação com a variante europeia. O trabalho foi aceito para o curso técnico em Informática por ser a primeira turma a apresentar trabalhos de conclusão de curso e a se formar. Nos anos que se seguiram, houve uma decisão institucional de que os trabalhos teriam de, necessariamente, ter relação com o curso técnico dos estudantes.

A referida decisão tornou um pouco mais dificultosa nossa atuação como orientadores desses trabalhos. À época, queixávamos valendo-nos da expressão idiomática de que teríamos de encontrar chifre em cabeça de cavalo. E, de fato, acabamos por encontrar alguns unicórnios. A necessidade de relacionar com a área técnica resultou numa surpresa para os orientadores, especialmente pelos temas levantados pelos estudantes.

O T2 foi resultado de uma leitura de “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz”, de Marcos Bagno, feita por uma aluna que havia se interessado pela Sociolinguística. Depois da leitura, ela pensou em possibilidades de combater o preconceito linguístico fora da escola, por meio de um jogo para celular. Nele, o dinossauro chamado Zyg Mundi (em homenagem ao sociólogo Zygmund Bauman) viajaria pelo Brasil, ouvindo áudios de diferentes regiões.

A cada interação, a criança ganharia *souvernirs* de cada lugar por onde passava. Dentre esses lugares, a fronteira de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero listava entre os lugares da região Centro-Oeste, como se vê na imagem 1. Para representar a fronteira, as alunas reproduziram o monumento da cidade: a cuia de chimarrão e guampa de tereré, símbolos da princesinha dos ervais, nome pelo qual a cidade é conhecida. Os demais ícones - a viola, o tuiuiú, o monumento de Brasília – identificam textos sobre o lugar visitado, notadamente a respeito da cultura, da fauna e da cidade “visitada”. Para o desenvolvimento do jogo, contou-se, também, com a colaboração de estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, inclusive uma ex-aluna da primeira turma.



Imagem 1: Print de uma tela do jogo “Zyg Mundi”



Fonte: Trabalho 2 (T2), 2015.

Na mesma linha de relacionar com temas da área técnica, T3 foi desenvolvido por uma aluna do ensino médio integrado ao técnico em Agricultura. Nele, buscou-se entender como conhecimentos populares próprios da fronteira, especialmente pelo uso de ervas medicinais, eram disseminados na produção de alimentos por produtores que expunham na feira de Pedro Juan Caballero.

O T4, em parceria com o professor de informática, Ricardo Nascimento, consistia em um jogo para *desktop* em que a criança em fase de alfabetização participaria de atividades envolvendo o uso do português em interface com o espanhol e o guarani. Nos jogos, como de memória, por exemplo, a criança teria que fazer a relação entre cartas escritas nessas línguas e com a possibilidade de escuta de áudios para facilitar a decodificação por aquelas não alfabetizadas. A seguir, *prints* da abertura do aplicativo, novamente com referência aos monumentos fronteiriços, e parte de um dos jogos que compõem a aplicação.



Imagem 2: Tela de abertura do aplicativo Lunita



Fonte: Trabalho 4 (T4), 2016.

Imagem 3: Tela do jogo da memória



Fonte: Trabalho 4 (T4), 2016.

Esse trabalho foi premiado na feira local, a Feira de Ciências da Fronteira (FECIFRON) e na feira estadual Feira de Tecnologias, Ciências e Engenharias de Mato Grosso do Sul (FETEC-MS) e foi credenciado para a Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE)⁴, realizada na USP, onde recebeu menção honrosa pelo Museu Paulista.

⁴ Um vídeo sobre o trabalho, na referida feira, pode ser visualizado por meio do link <https://www.youtube.com/watch?v=D0IECv3g1DI>.



Por fim, T5 foi outro trabalho que teve premiações nas feiras mencionadas anteriormente, além de participação em evento no Peru. Foi fruto de iniciação científica, por isso não havia a obrigatoriedade de relação com área técnica. A pesquisa surgiu em decorrência de proposta de estudos na Oficina em que os participantes queriam estudar sobre a ditadura militar no Brasil. As referências encontradas faziam referência tão somente a grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. A partir dessa lacuna, as estudantes se empenharam em coletar dados dos locais sobre a vivência nas ditaduras brasileira e paraguaia, já que o Paraguai também estava passando por um regime ditatorial⁵.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros entre os países e das pessoas que ali se faziam presente tornaram possíveis parte do que aqui se relatou. Para isso, um olhar para a fronteira para além do multiculturalismo foi um fator crucial para o desenvolvimento dos projetos. Como sujeitos de políticas educacionais, também acreditamos ter feito políticas linguísticas, especialmente por ver na fronteira aspectos constitutivos da identidade local. Nesse sentido, em conformidade com McCater (2011), na condição de professores colocamo-nos como promotores de políticas linguísticas (*policy makers*), a partir de um olhar de acolhimento para a diversidade em questão.

O caminho que fizemos deve ter facilitado a inclusão dos estudantes num universo acadêmico, apresentando-lhes possibilidades de se fazer pesquisa em ciências humanas e linguagens. Espaço esse que buscamos construir na EPT, tão marcada por um viés mais positivista, experimental que, por vezes, acaba por reforçar uma concepção de ciência calcada na experimentação. Por meio dos projetos, apresentamos um fazer científico que vai além dos experimentos e vimos na interculturalidade da fronteira um laboratório para

⁵ Igualmente ao anterior, um vídeo sobre a pesquisa pode ser visualizado pelo link https://www.youtube.com/watch?v=h8rvO_Qf6Fc.



reconhecer, entender e acolher a diversidade do entorno, de modo a minimizar preconceitos historicamente engendrados.

Reconhecemos, no entanto, que o caráter de trabalho de conclusão de curso acabou por impossibilitar a continuidade dos projetos, uma vez que, a cada ano, novas demandas eram apresentadas pelos alunos. Além disso, a gestão do tempo, o aumento de número de aulas também foram agravantes no processo.

No mais, a experiência que nos fez olhar para a fronteira também nos constitui como sujeitos professores, atravessados por um gosto pela diversidade local, mas sem deixar de ver as suas mazelas. Nesse sentido, transitamos nessa fronteira entre o encantamento e o estranhamento do (novo) entorno que nos rodeava.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre Brasil e Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. **Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Brasília, DF: Ministério da Integração Nacional, 2009. Disponível em: <https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/publicacoes/cartilha-faixa-de-fronteira.pdf>. Acesso em: 01 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **PORTARIA Nº 213, DE 19 DE JULHO DE 2016**. Estabelece o conceito de "cidades-gêmeas" nacionais, os critérios adotados para essa denição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. Brasília, DF: Ministério da Integração Nacional, 2016.

CASTANHO, Eli Gomes.; VIVIANI, Fabrícia C. Nas tramas do nhanduti: tecendo a igualdade de gênero num instituto federal de fronteira. **LEIA ESCOLA**, v. 20, n. 2, p. 43-62, 2020. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/1838>. Acesso em: 05 dez. 2023.



CASTANHO, E. G. **Entre a tradição e a tradução:** representações sobre identidades e línguas da fronteira Brasil/Paraguai. 2016. 231f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos e minorias lingüísticas no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 set. 2023.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil** – dados de 2019. Brasília: CIMI, 2020. Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/10/relatorio-violencia-contra-os-povos-indigenas-brasil-2019-cimi.pdf>. Acesso em: abr. 2021.

FANON, F. **Pele negra, mascarás brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRIGOTTO, G. Projeto societário, ensino médio integrado e educação profissional: o paradoxo da falta e sobra de jovens qualificados. In: FRIGOTTO, G. (ORG.). **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018. p. 41-62

GAGO, V.; MALO, M. La Internacional Feminista. Luchas en los territorios y contra el neoliberalismo. In: GAGO, V. **La Internacional Feminista**. Luchas en los territorios y contra el neoliberalismo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2020. p. 9-23.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Malden/Oxford: Wiley/Blackwell, 2009.

MAHER, T. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilingüismo. In: Kleiman, A.; Cavalcanti, M. (ORG.). **Lingüística aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas: Mercado de Letras, 2007a. p. 235-270.

MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngüe e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. **Trasnculturalidade, Linguagem e Educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007b. p. 67-94.

MAPA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BRASIL. **Mato Grosso do Sul teve maior taxa do país de violência contra lésbicas, gays e bissexuais em 2017**. Rio de Janeiro: Gênero e Número, 2019. Disponível em: <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/centro-oeste/>. Acesso em: 23 jan. 2021.



MCCARTY, T. L. *Entry into conversation. Introducing ethnography and language policy*. In: MCCARTY, T. L. (ORG.). **Ethnography and language policy**. New York and London: Routledge, 2011.

PACHECO, E. **Fundamentos político-pedagógicos dos institutos federais: diretrizes para uma educação profissional e tecnológica transformadora**. Natal: IFRN, 2015.

PIRES-SANTOS, M. E. **O cenário multilíngüe/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RAMOS, M. Ensino Médio integrado: lutas históricas e resistências em tempos de regressão. In: ARAÚJO, A. C.; SILVA, C. N. N. da. (ORG.). **Ensino Médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed. IFB, 2017. p. 20-43.

BERGER, Í. R. **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil-Paraguai: um olhar a partir do Observatório de educação de fronteira**. 298f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BERGER, I. R. Por políticas linguístico-educacionais sensíveis ao contexto da tríplice fronteira Argentina-Brasil-Paraguai. **Ideação**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 33–44, 2012. DOI: 10.48075/ri.v13i2.5666. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/5666>. Acesso em: 5 dez. 2023.

RUIZ, R. Orientations in language planning. **NABE Journal**, v. 8, n. 2, p. 15-34, jan. 1984. Disponível em: <https://experts.arizona.edu/en/publications/orientations-in-language-planning>. Acesso em: 05 dez. 2023.

SCHOLL, A. P. O conceito de translíngua e suas implicações para os estudos sobre bilinguismo e multilinguismo. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1–5, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i2.1641. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1641>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SUBSECRETARIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES. **Mapa do feminicídio de Mato Grosso Do Sul**. Campo Grande: SECID/MS. jun. 2020. Disponível em: <http://www.secid.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/MAPA-DO-FEMINICIO%CC%81DIO-VERSAO-FINAL-Luciana.pdf>. Acesso em: abr. 2021



VIVIANI, F. C. De front à fronteira: trajetória de uma pedagogia em ação. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 01–22, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/68812>. Acesso em: 30 set. 2023.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2012: Atualização Homicídio de Mulheres no Brasil**. São Paulo: Flacso, 2012.

Recebido em: 01-10-2023

Aceito em: 05-12-2023

